

Educação Patrimonial LGBTQI+ no Rio Grande do Sul: reparação da memória através do trabalho com biografias.

1. Identificação:

Estagiária(o): Andrei Marcelo da Rosa; Natália Velho Noronha; e Vitória Giovana Duarte

Professoras-orientadoras: Carmem Zeli de Vargas Gil e Melina Kleinert Perussatto

Supervisor: Benito Bisso Schmidt

Instituição: CLOSE - Centro de Referência da História LGBTQI+ do Rio Grande do Sul

Período de estágio: 30/08/21 - 27/11/21

2. Conceito de Educação Patrimonial:

Definimos a Educação Patrimonial como processos educativos que têm como foco o patrimônio cultural (material e/ou imaterial), o qual pode ser utilizado enquanto recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de discutir sobre o seu reconhecimento, sua valorização e, na aula de história, a reparação. Além disso, pretende-se decolonial pois parte do princípio da defesa da interculturalidade, entendida como um processo e projeto social, político, ético e epistêmico (TOLENTINO, 2018, p. 52).

Dessa forma, pretende enfrentar a ideia colonialista de que existe uma hierarquia epistemológica, criando ferramentas para que conhecimentos historicamente silenciados possam ser reconhecidos. Mais do que reconhecê-los, entende, a partir do conceito de “ecologia dos saberes”, que todos os conhecimentos são conectados entre si e não-hierarquizados, formando, assim, um interconhecimento (TOLENTINO, 2018, p. 50). Assim, a Educação Patrimonial decolonial trabalha com a ideia de que existem diversas epistemologias que dão conta de explicar diferentes âmbitos da vida humana e da natureza.

Para Velho (2006), a cultura é definida como um fenômeno abrangente que inclui todas as manifestações materiais e imateriais, expressas em crenças, valores e visões de mundo existentes em uma sociedade. Parte dessa definição “decolonial” de educação patrimonial é demonstrada ao incorporar a ideia de cultural imaterial, vinculada sobretudo a sociedades de minoria étnica e racial, e que tende a ser subestimada e/ou negligenciada por sociedades brancas.

3. Problematização:

A história de pessoas e locais frequentados pelas chamadas ‘dissidências’ sexuais e de gênero costuma ser sistematicamente apagada pelas políticas de memória empregadas pelas autoridades responsáveis (BRULON, 2020). Nos espaços urbanos, os órgãos oficiais responsáveis pela escrita da história das cidades costumam deixar de lado personalidades importantes para a comunidade LGBTQI+ local, assim como realizam um processo de apagamento da presença desses grupos em determinados locais. Impera, nos museus, um pensamento de que esse assunto não faz parte das missões dessas instituições (BAPTISTA; BOITA, 2014). É possível perceber, então, a existência de uma política de silenciamento de qualquer narrativa histórica que escape de um modelo cis-heteronormativo. Os historiadores e historiadoras, nesse sentido, operam escolhas políticas que intensificam esse quadro, ao priorizar outros temas em seus trabalhos (VERAS; PEDRO, 2014).

Sendo assim, trabalhos que busquem evidenciar biografias e locais LGBTQI+ se tornam essenciais para a construção de identidade dessas dissidências sexuais e de gênero em um momento histórico de fortalecimento de um conservadorismo no Brasil, representado por figuras de poder abertamente contrárias às existências LGBTQI+. No campo educacional, essas atitudes são evidenciadas por um crescimento da censura sobre a discussão destes assuntos em sala de aula. Assim, além da realização de trabalhos voltados para essa temática, é de grande importância apresentá-los e discuti-los em espaços educacionais, lutando contra o silenciamento dessas pautas e permitindo que educandos que se identifiquem em alguma das letras que formam a comunidade LGBTQI+ tenham acesso a meios de construir suas identidades.

A partir da questão-guia “*Como foram e são vivenciados os espaços de convivência LGBTQI+ em Porto Alegre e de quais formas a apropriação desses ambientes permitiu a expressão das suas identidades?*”, foi desenvolvida uma exposição *online* de biografias de pessoas LGBTQI+ gaúchas, que habitaram a cidade de Porto Alegre, destacando os espaços que estas costumavam frequentar. A exposição, intitulada “[Histórias da gente: trajetórias LGBTQI+ no RS](#)” foi pensada e construída pelo CLOSE e tem como principal objetivo resgatar histórias negligenciadas relacionadas a essas comunidades, contribuindo para a construção de uma história do estado menos excludente. As personalidades escolhidas para serem trabalhadas em aula e para o desenvolvimento de biografias foram [Caio Fernando Abreu](#), [Luísa Felpuda](#) e [Marcelly Malta Lisboa](#).

Pretendendo lutar contra a censura em espaços educacionais, fizemos uso dessa exposição e do material desenvolvido nela como parte de uma atividade de mediação em sala de aula. Entretanto, mais do que simplesmente apresentar esse material para educandos, o

objetivo da atividade é permitir que estes possam construir por conta própria seus conhecimentos e trabalhar com uma educação patrimonial como a expressa por Gil (2020, p 122): “[...] que não está interessada somente nos objetos, nos monumentos, no conjunto arquitetônico, nas coleções, mas na dignidade das pessoas, nas histórias silenciadas das comunidades populares, nas memórias”. Partindo de uma perspectiva freiriana de educação, que leve em conta as vivências dos educandos e seu poder de agência no processo de ensino-aprendizagem (FREIRE, 2011), o objetivo dessa aula é de convidar os discentes a utilizar o material apresentado na exposição para refletir sobre a sua própria relação com espaços frequentados historicamente por populações LGBTQI+. Assim, essa proposta se identifica como uma tentativa de realizar uma mediação participativa (PACIEVITCH, 2019), em que o objetivo não é apenas apresentar informações, mas também gerar reflexões a partir da agência conjunta de mediadores e público.

4. Pessoas e corpos, espaços e tempos:

Ao trabalhar a exposição com alunas, alunes e alunos do ensino médio, queremos debater essas mesmas questões com elas, eles e eles, de maneira que possamos fazê-los pensar sobre a multiplicidade de identidades que podem circular em um espaço/tempo e fazê-los questionar o porquê delas serem invisibilizadas.

5. Objetivos:

- Instigar alunes a pensarem sobre a vivência LGBTQI+ na cidade de Porto Alegre;
- Levantar questionamentos acerca da experiência dos LGBTQI+ como corpos que habitam, transitam e transformam os locais por onde passam;
- Debater com maior enfoque as letras B e T - abordando a invisibilização delas;
- Desconstruir preconceitos e estigmas vinculados à população LGBTQI+;
- Mobilizar, através da mediação, os discentes para pensarem criticamente acerca da exclusão sistemática dos LGBTQI+ da narrativa histórica - Por que na História “oficial” essas narrativas são marginalizadas em detrimento dos personagens “universais”?

6. Atividades:

A atividade foi pensada para uma aula de aproximadamente 1 hora e 30 minutos, sendo dividida em quatro momentos, com as respectivas estimativas de duração de cada um:

Primeiro momento (5 minutos): apresentação dos envolvidos na atividade, além do CLOSE e a sua atuação.

Segundo momento (30 minutos): trabalhar questões mais gerais sobre as problemáticas LGBTQI+ como, por exemplo, o que cada uma das letras significa, o que é identidade de gênero e sexualidade e explicação de alguns termos essenciais (e.g. cisgênero) para o avanço da discussão sobre os personagens.

Terceiro momento (20 minutos): apresentação dos três personagens LGBTQI+ do Rio Grande do Sul recortados para a aula. A partir da história de vida dessas pessoas, serão destacados os espaços que elas frequentavam e que relações construíram com eles, além das suas próprias identidades. Nesse momento, será destacada a relação entre as vivências LGBTQI+ e a construção de uma história oficial da cidade, que costuma esquecê-las propositalmente.

Quarto momento (35 minutos): debate sobre a relação dos alunos com os espaços e biografias apresentadas. Nesse local de conversa, pretende-se que os educandos reflitam como enxergam os espaços apresentados atualmente, e se estes mantêm a identidade LGBTQI+ até os dias atuais. Além disso, no que diz respeito às biografias apresentadas, será instigada a reflexão do porquê pessoas destes grupos sociais foram sistematicamente excluídas da história porto-alegrense. A partir disso, pretende-se discutir políticas de apagamento das chamadas dissidências sexuais e de gênero, que envolvem o não-interesse em manter a memória de personalidades LGBTQI+ e o interesse em apagar a presença desses grupos sociais em determinados espaços da cidade.

7. Materiais didáticos:

Abriremos um diálogo com os alunos a partir de apresentação em *powerpoint* sobre as temáticas LGBTQI+ gerais, além de imagens dos locais habitados/vividos pelos membros da comunidade e biografias sobre os personagens, apontando a relação com as localidades.

8. Avaliação:

Participação no debate. Como se trata de um tema sensível, qualquer produção material, por exemplo, escrever as impressões que a aula trouxe, pode se tornar um fator de inibição. Assim, aqueles que se sentirem confortáveis para conversar no debate, estão livres, e aqueles que se sentem inibidos, não se sentirão pressionados.

9. Referências:

BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony. Protagonismo LGBT e museologia social: uma abordagem afirmativa aplicada à identidade de gênero. *Cadernos do CEOM*, vol. 27, nº 41, 2014.

BRASIL. Ministério da Cultura. *Portaria N° 137, de 28 de abril de 2016*. Brasília, 2016.

BRULON, Bruno. Museu queer e Museologia da bricolagem: o problema da diferença nos regimes museais. *Museologia e Interdisciplinaridade*, vol. 9, nº 17, jan./jul de 2020.

CAMARGO, Flávio P. *Revendando as margens: a (auto)representação de personagens homossexuais em contos de Caio Fernando Abreu*. Tese (Doutorado em Literatura) pelo Programa de Pós-Graduação em Literaturas da Universidade de Brasília (UnB). Brasília, 2010.

COSTA, Amanda L. *360 graus: uma literatura de epifanias: o inventário astrológico de Caio Fernando Abreu*. Dissertação (Mestrado)

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 43ª.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GAPA. *Viva o GAPA*. 2021. Página Inicial. Disponível em: <https://www.vivaogapa.minhaporle.org.br/>. Acesso em 16 de outubro de 2021.

GIL, Carmem Zeli de Vargas. Investigações em educação patrimonial e ensino de história (2015-2017). *Clio*, Recife, v. 31, n. 1, p. 107-127, jan./jun. 2020.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

MALTA, Marcelly. *A força no reflexo: entrevista [julho, 2017]*. Porto Alegre: Escola Superior de Propaganda e Marketing, curso de Jornalismo. Entrevista concedida a Gian los Panisson e Leonardo Kaller.

MALTA, Marcelly. *História de vida e ação política*. [21 setembro 2015]. Porto Alegre: Laboratório de Políticas Públicas, Ações Coletivas e Saúde (LAPPACS/UFRGS).

MEDEIROS, Tiago V. *Depravada e inesquecível : memórias, homossexualidades e prostituição masculina a partir da trajetória de Luísa Felpuda (Porto Alegre, últimas décadas do Século XX)*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2020.

MEDEIROS, Tiago V. *"O crime da casa gay": o caso Luísa Felpuda e a produção de sexualidades desviantes pela imprensa (Porto Alegre, 1980)*. TCC (Graduação) - Curso de História: Licenciatura, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

OLIVEIRA, Augusta da Silveira de. *"Tenho o direito de ser quem eu sou": o movimento de travestis e transexuais em Porto Alegre (1989-2010)*. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 141. 2018. Car

TOLENTINO, A. Educação Patrimonial Decolonial: perspectivas e entraves nas práticas de patrimonialização Federal. *Sillogés*, v. 1, n. 1, p. 41-60, jan./jun. 2018.

PACIEVITCH, Caroline. Mediação, mediação participativa e ensino de História em espaços de memória. Texto produzido para aula. 2019.

VELHO, G. Patrimônio, Negociação e Conflito. *Mana*, v. 12, n. 1, p. 237-248, abr 2006.

VERAS, Elias Ferreira; PEDRO, Joana Maria. Os silêncios de Clio: escrita da história e (in)visibilidade das homossexualidades no Brasil. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 6, n.13, p. 90 - 109, set./dez. 2014.

Esta obra está licenciada com uma [Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).